

# TEATRO SIM, PECINHA NÃO!

Duílio Pereira da Cunha Lima (URCA)

**RESUMO:** O presente relato descreve alguns aspectos da vivência com o ensino do teatro junto aos adolescentes e jovens do Grupo de Teatro Miramangue, pertencentes à ONG Projeto Beira da Linha, da comunidade de mesmo nome, localizada no bairro Alto do Mateus, João Pessoa, Paraíba. A partir dessa experiência, discutem-se as relações entre teatro e educação popular, pois, é a realidade social da comunidade, em meio à sua riqueza cultural e problemáticas, que se transforma em matéria-prima para investigação e apreensão dos diversos elementos teatrais, desde a escrita e/ou apropriação do texto à finalização do espetáculo. Ao centrar a atividade do grupo na investigação sistemática dos princípios da linguagem teatral, tendo como referência um olhar crítico sobre a realidade social, constrói-se uma perspectiva de discussão política e experimentação estética tanto dos participantes quanto do público espectador dessa produção, ao mesmo tempo, rompe-se com a idéia da atividade teatral nas comunidades como apresentação de “pecinhas” em datas comemorativas, ocupação de tempo ocioso dos participantes, ou ainda, estratégia de marketing para divulgação das organizações. O teatro do Grupo Miramangue, motivo de entretenimento e reflexão nas mais longínquas localidades, diversas vezes premiadas em festivais de teatro, mais que um rosário de lágrimas, é celebração de vida e alegria, é brincadeira de coisa séria; é contribuir para despertar ações concretas junto às pessoas.

Palavras chave: teatro; educação popular; ação sócio-cultural.

## 1. Pra começo de conversa

Desde o período de criança que ouvia falar com frequência a palavra “pecinha” sempre que precisávamos nos referir aos espetáculos de teatro produzidos no âmbito escolar, por ocasião das diversas festividades que faziam parte do calendário letivo. Desta forma, a escola sempre celebrava o dia das mães, os festejos juninos, o dia das crianças, o natal, entre tantas outras comemorações, com as ditas “pecinhas” que eram montadas naquela mesma semana pela própria professora polivalente, advinda do curso pedagógico em nível médio e sem formação na área do teatro. Essas alegres representações, recheadas de muitas tiras de papel crepom nos seus figurinos, eram, quase sempre, mímicas de uma música sobre o tema central, declamação de pequenos poemas e/ou fragmentos de manifestações da cultura popular acompanhadas por uma velha fita cassete, da qual pouco se ouvia o som dali reproduzido. Uma atividade que envolvia uma boa parte da turma, aqueles que segundo a professora “tinham jeito pra coisa”, em detrimento de outros para os quais essa festa não passava de uma grande tortura ou, como preferem os nossos adolescentes, um grande mico.

Também tinha a denominação de “pecinha” as representações realizadas pelos próprios alunos do antigo curso ginásial, hoje a segunda fase do ensino fundamental, apresentações formadas por quadros isolados que iam de imitações dos programas da televisão, paródias, declamações à mímica de antigas canções que tratavam da natureza e do

tema da paixão. Diferentemente, não se atribuía a denominação de “pecinha” à encenação da Paixão de Cristo, a mais tradicional representação da comunidade realizada por esse mesmo grupo de jovens, que recebia a nomenclatura de drama ou de espetáculo.

A primeira questão que aqui se levanta para reflexão relaciona-se ao que estaria por trás deste termo “pecinha”, um diminutivo de peça, que por sua vez, é relacionada à idéia de parte pertencente a um todo indiviso, e no âmbito teatral, significando texto ou espetáculo teatral. Alguns poderiam dizer, e essa acepção ainda continua sendo muito usada, que esse sinônimo para “textinho” ou “espetaculozinho” seria uma forma carinhosa de tratar o espetáculo feito por crianças e/ou para crianças, porém, utilizando o contexto descrito acima, essa hipótese seria em parte descartada porque ela não englobaria o teatro dos jovens. Outros poderiam dizer que o diminutivo seria atribuído ao tempo da representação que sendo formada de quadros teria duração de poucos minutos, o que não é uma inverdade, mas não podemos distanciar da associação existente entre o teatro produzido na escola realizado seja por crianças ou jovens e a terminologia “pecinha”, aqui entendida como pejorativa, e que se diferencia na qualidade e importância do drama da Paixão de Cristo elevado ao posto de espetáculo teatral.

À exceção da fita cassete ou de outros objetos em desuso, esse panorama da “pecinha”, que remonta “uns vinte e poucos anos”, ainda é um modelo muito presente nas escolas, como exemplo do ensino do teatro para crianças e adolescentes, porque, antes de tudo, ele está arraigado na prática de educadores que não tiveram formação específica no campo do teatro e continuam utilizando suas experiências de infância como referência para sua prática educativa. Por razões semelhantes, na esfera da educação popular essa realidade também não é muito diferente, pois, foi com a denominação de “pecinha” que fui apresentado ao trabalho de ensino do teatro na organização não-governamental Projeto Beira da Linha, objeto central de descrição deste relato, mesmo que a prática anterior encontrada na instituição difira em muitos aspectos daquilo que já foi abordado neste texto. O processo de desconstrução de paradigmas, o fortalecimento da experiência do ensino do teatro juntos aos adolescentes que passa da idéia de “pecinha” à teatro passa a ser o foco das linhas abaixo.

## **2. O Projeto Beira da Linha**

Antes de nos determos na experiência propriamente dita do ensino do teatro no Projeto Beira da Linha, e de modo mais específico, nas atividades do Grupo de Teatro Miramangue, gostaria de abrir um pequeno parêntese no texto para contextualizarmos essa experiência de

educação popular, situando-a geograficamente e orientando as principais indicações das atividades e pessoas envolvidas do seu desenvolvimento. Surgido em 1991, o Projeto Beira da Linha é uma ação educativa desenvolvida pela Pia Sociedade de Padre Nicola Mazza<sup>1</sup> na cidade de João Pessoa, bairro Alto do Mateus, mais precisamente, na Comunidade Beira da Linha.

O bairro do Alto do Mateus, situado à Sudoeste da cidade de João Pessoa, limita-se ao Norte e a Oeste com o município de Bayeux; ao Sul com o bairro de Oitizeiro e ao leste com o bairro da Ilha do Bispo, junto ao rio Sanhauá. A comunidade Beira da Linha é situada em um local de difícil acesso, entre a encosta de uma colina e o mangue, cercada de rios, sendo cortada ao centro pelos trilhos da linha férrea da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima – RFFSA - que liga as cidades de João Pessoa, Bayeux e Santa Rita. As mais de cem famílias que moram nesta localidade precisaram aterrar o mangue para construir suas habitações e estão sujeitas à possibilidade de alagamento em tempos de maré alta. Comprimidas numa faixa de terra entre rios e a linha do trem, essas pessoas vivem literalmente à margem não apenas das marés e do trem, bem como, à margem de toda sociedade e dos direitos fundamentais à vida, a exemplo do que acontece com grande parte das populações das periferias das grandes cidades.

É nesse cenário marcado pela pobreza e pela violência, e ao mesmo tempo, pela diversidade cultural das lendas dos pescadores, das danças indígenas, da religiosidade popular, dos saberes e fazeres do povo, que se insere a proposta do Projeto Beira da Linha que tem como principal intuito é contribuir na construção da cidadania de crianças, adolescentes e jovens da referida comunidade, contribuindo na organização das pessoas e fortalecendo suas ações através do incentivo à educação, à cultura de modo geral e aos direitos fundamentais das crianças e adolescentes. Longe de uma perspectiva assistencialista e de substituição da responsabilidade do Estado, o Projeto Beira da Linha atende cerca de duzentas crianças, adolescentes e jovens nas mais diversas atividades que vão desde o incentivo à leitura, a prática de esportes, o teatro, a música até a formação para o mercado de trabalho.

---

<sup>1</sup> A Pia Sociedade teve como fundador o Pe. Nicolla Mazza, italiano, nascido (1790-1865), na cidade de Verona, na Itália. Sensibilizado com os problemas sociais que marcaram o seu tempo decidiu ajudar aos jovens de famílias pobres que ficavam praticamente excluídos do processo educativo e destinados ao trabalho braçal. Para tanto, fundou uma obra de apoio a estes jovens afim de ajudá-los a complementar os estudos e plantando, ao mesmo tempo, na formação do serdestes jovens as sementes da solidariedade e do respeito ao outro. Com os frutos destas sementes, ele começou juntamente com muitos dos seus primeiros alunos, uma Missão na África Central, visando a revalorização da população negra. Tempos depois, um dos seus alunos, o Bem-Aventurado Monsenhor Daniel Comboni, até hoje reconhecido como grande benfeitor da África continuou este trabalho. Na Itália, a Pia Sociedade tem escolas de ensino médio e residências paraestudantes universitários em Verona, Pádua e Roma, continuando as obras mazzianastrabalhando com os mesmos objetivos (Projeto Beira da Linha: Crianças e adolescentes no caminho da cidadania, 2005, p. 7)

As atividades descritas acima são trabalhadas de modo integrado e interdisciplinar através de projetos de pesquisa que envolvem primeiramente os educandos e educadores, e partir destes, toda comunidade. São os próprios participantes que indicam os principais problemas e/ou questões que afetam a comunidade e a partir destes é que são traçados os processos de estudo e pesquisa sob os mais variados aspectos e particularidades que envolvem esses projetos temáticos. Sem perder a dimensão específica do saber envolvido e de suas particularidades próprias, os mais variados campos do conhecimento dessas atividades, tais como: o letramento, o teatro, o esporte, etc., as crianças e adolescentes vão experimentando suas curiosidades e descobertas e, gradativamente, vão se encaminhando para a realização de uma ação mobilizadora que possa envolver toda comunidade, momento em que haverá a socialização das descobertas e a devolução da pesquisa.

Esse mesmo caminho metodológico é utilizado tanto nas oficinas de teatro oferecida a todos participantes do projeto quanto ao Grupo de Teatro Miramangue, que entre os anos de 1995 e 2001, reuniu cerca de doze adolescentes e jovens da comunidade em torno do fazer teatral. É esse percurso que resultou na montagem de três espetáculos e em centenas de apresentações nas mais diversas comunidades e teatros que passa a ser o foco do presente relato.

### **3. O Grupo de Teatro Miramangue**

Embora as oficinas de teatro, mamulengos e dança já fizessem parte do quadro de atividades do Projeto Beira da Linha desde o seu início em 1991, é só quatro anos depois que a proposta do ensino da arte viria a se consolidar a formação do Grupo de Teatro Miramangue. Até aquele momento o fazer teatral estava ligado às principais comemorações anuais do projeto e constituíam-se de curtas apresentações, as já abordadas “pecinhas”, com uma numerosa meninada (cerca de 30 crianças e adolescentes), que usavam a expressão corporal e movimentos de dança, descartando o uso das falas e dos diálogos, para encenar espetáculos baseados em musicais, como por exemplo: *Arca de Noé* de Vinícius e Toquinho, *O baile do menino Deus* e *A bandeira de São João* de Ronaldo Brito e Assis Lima.

Os ensaios aconteciam de forma intensiva nos trinta dias que antecediam as apresentações, e embora permanecesse um determinado grupo, a cada montagem era reunido um diferente elenco, quando era reconstruído um arsenal de figurinos e adereços, geralmente confeccionados com saco de papel kraft, papel crepom, cola e muita fita crepe. Ao final de no máximo duas apresentações (uma na festa do projeto e outra na igreja da paróquia), o grupo

era dispersado até o próximo chamado para uma nova montagem, cerca de três ou seis meses depois. Constituíam também o repertório de apresentações, as encenações de curtas passagens bíblicas (a anunciação à Nossa Senhora, o Bom Samaritano, a Via Sacra) ou de temas ligados ao universo de discussão da Pastoral da Criança, tais como: a desnutrição e a mortalidade infantil, o valor da alimentação alternativa, os cuidados na fase pré-natal, entre outros, geralmente utilizando o recurso da encenação das letras de músicas de cunho religioso.

Sem querer tirar o mérito estético e político que possuía a prática encontrada de montagens dessas “pecinhas”, a possibilidade de execução de um projeto de ensino do teatro de modo contínuo e sistemático representava um momento diferente para a instituição e todos envolvidos porque o teatro deixava de ser uma atividade pontual de cunho festivo para se tornar processual em que o foco não era mais o resultado final, mas o processo cotidiano de construção do trabalho e a formação crítica e estética dos seus participantes. Com esse desafio, começavam os primeiros passos do Grupo Miramangue saindo da idéia isolada de montagem de “pecinhas” para elaboração de uma proposta de ensino/vivência do teatro.

### **3.1. O surgimento da proposta com o *Quero educação para ser cidadão***

A motivação para criação do Grupo de Teatro Popular Miramangue surge com a realização do concurso *O adolescente por uma Escola melhor*, promovido pelo UNICEF e Fundação ODEBRECHT, que consistia na formulação de uma ação educativa por um grupo de no máximo dez adolescentes que provocasse a discussão e a mudança de atitudes em relação à escola pública, utilizando-se para isso de recursos como o teatro, a música, o vídeo, etc. A notícia fez com que um grupo com dez participantes fosse prontamente reunido com a ajuda de quatro educadores, que passou a encontrar semanalmente para estudar aspectos ligados à educação brasileira e realizar uma pesquisa nas sete escolas públicas do bairro entrevistando diretores, professores, alunos, pais e a Secretaria Municipal de Educação. Os resultariam na montagem de um espetáculo teatral para ser apresentado e debatido nas escolas envolvidas, que depois se enfrentariam numa gincana cultural, contendo tarefas que levassem a comunidade escolar a refletir e tomar posições frente a difícil situação da escola pública.

Realizados os estudos, a pesquisa nas escolas e a primeira formatação do texto enviada aos organizadores do concurso, começa o processo de montagem da peça que seria realizada independente do resultado final. A primeira etapa foi a integração do grupo, seguida de um trabalho de preparação e conscientização corporal, pois, embora já participassem de apresentações de teatro e dança, faziam isso de forma intuitiva, espontânea e esporádica.

Gradativamente, ia se retomando os aspectos levantados durante os estudos e a pesquisa de campo que foram se transformando em temas e situações para improvisações que, por sua vez, contribuíam na aproximação aos elementos da linguagem teatral, ajudavam na reflexão crítica sobre a realidade da escola na comunidade e traçava os elos para uma nova versão do texto, já que o material enviado ao concurso era excessivamente discursivo e fragmentado, sem as características próprias do texto teatral.

O trabalho colaborativo com os jogos teatrais e improvisações contribuía na elaboração de uma linguagem para a encenação construída a partir do modo de ser e de falar dos tipos humanos presentes na comunidade e na escola. A proposta do grupo foi de uma construção bem-humorada e caricatural das personagens, utilizando uma linguagem informal na representação das personagens com algumas gírias juvenis para causar identificação e comunicar mais diretamente o alunado das escolas. O velho ideal da sátira, de criticar costumes e atitudes, rindo da personagem e da situação sem saber que está rindo de si próprio. Havia uma preocupação inicial dos adolescentes com o ato de decorar o texto, pois suas encenações anteriores não envolviam a enunciação de texto, uma preocupação deixada para trás ao longo dos seis meses de trabalho porque os atores e atrizes envolvidas não decoraram, mas se apropriaram de um texto, de uma cena que a representação artística sob uma perspectiva crítica do seu próprio cotidiano em casa, na escola e na comunidade.

A montagem também envolveu a participação de educadores, que realizavam a música executada ao vivo junto aos participantes, e de algumas mães da comunidade que contribuíram na costura e preparação dos figurinos e cenários do espetáculo, que tiveram suas concepções discutidas coletivamente no processo de montagem das cenas. Em maio de 1996, a estréia do espetáculo acontece com grande sucesso na comunidade católica de São Mateus no próprio bairro e logo após participam do X Festival de Teatro Comunitário promovido SESC/PB, onde recebem os prêmios de 2º melhor espetáculo e melhor ator coadjuvante (Wilson Souto), e indicações para os prêmios de melhor figurino e cenografia. Nessa mesma semana, sai o resultado do concurso do UNICEF, tendo o grupo recebido o prêmio de Menção Honrosa por ter se destacado entre os 16 principais trabalhos dos 924 enviados de todo país.

A partir daí o grupo começa uma série de apresentações do espetáculo nas mais diversas localidades (cerca de 40 apresentações em um ano), ajudando na discussão em seminários no meio universitário, nos movimentos populares em defesa da educação pública (Movimento de Educação Popular, Movimento Nacional de Meninos(as) de Rua, Pastoral da Juventude). Apresenta-se no Festival de Teatro do Estudante promovido pelo Núcleo de Teatro Universitário (NTU) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Importante ressaltar

que muitas vezes a direção do espetáculo não acompanhou estas apresentações, estimulando uma organização interna no grupo para realizar as tarefas e sanar as eventuais dificuldades.

No ano seguinte é retomado o contato com as escolas públicas do Alto do Mateus para a realização da Gincana Cultural, quando o espetáculo é apresentado e debatido dentro do inadequado espaço de cada escola. Sem querer incentivar o lado competitivo da proposta, a gincana foi realizada num período de mobilização que levou cerca de vinte dias, em que as escolas arrecadaram roupas e alimentos para os desabrigados da chuva no bairro, pintaram na parede da escola o painel *A escola que queremos*, juntaram assinaturas para um abaixo assinado contendo os principais problemas do bairro e realizaram uma ação conjunta em benefício da própria escola. Uma grande mobilização que sinteticamente procurava refletir sobre a escola que temos e a escola que queremos, apontando aí para a necessidade da organização escolar, seja através dos grêmios estudantis ou conselhos escolares.

O espetáculo ainda continuaria sendo apresentado em muitos outros espaços e importantes eventos ao longo do ano em curso e do ano seguinte, pois, com a Campanha da Fraternidade de 1998 tendo como tema a questão da educação, o espetáculo suscitaria uma série de novas apresentações e discussões mesmo num momento que o grupo já tem um outro espetáculo no seu repertório: *Pai do Mangue*.

### **3.2. A continuidade da proposta com o *Pai do mangue***

Após um ano intensivo de apresentações do espetáculo *Quero educação para ser cidadão*, o grupo manifesta o desejo de montar um novo espetáculo que tratasse das questões relacionadas ao mangue, ecossistema que circunda não apenas a comunidade onde mora grande parte de seus participantes, bem como todo Alto Mateus. A idéia era retomar o processo metodológico adotado no espetáculo anterior, que partindo de uma determinada temática, no caso o mangue, possibilitasse um amplo estudo envolvendo os aspectos ambientais relacionados a preservação do mangue, passando pelo aspecto social ao tratar das difíceis condições de vida daqueles que moram na área e tiram do mangue seu sustento, até tratar também do aspecto cultural resgatando estórias, lendas e tradições ou seja toda riqueza cultural ostentada e oralmente passada pelos moradores da comunidade, e valorizada desde o início pelas atividades do Projeto Beira da linha.

Aa realização dos primeiros estudos temáticos realizados a partir de cartilhas formuladas por entidades de preservação à natureza, notícias de jornais locais a respeito da depredação do manguezal e vídeos relativos à vida e ao trabalho daqueles que moravam em

populações ribeirinhas e sobrevivem do pescado encontrado com dificuldade em meio a constante poluição das águas do mangue. Outra parte da pesquisa consistiu não em entrevistas formais com gravador como da vez passada, mas em uma série de conversas e levantamento de informações com os pescadores e pescadeiras da comunidade Beira da Linha, que se mostraram motivados à contribuição com o espetáculo, principalmente pela recuperação da auto estima e da valorização de sua fala.

Paralelamente, também estava sendo realizada uma série de vivências sobre o trabalho do ator que possibilitariam ao grupo a descoberta de uma linguagem mais elaborada em relação ao espetáculo anterior. Enquanto o primeiro valorizava a espontaneidade na fala e um exagero nas expressão dos atores, o novo trabalho construía alicerce para a realização de um trabalho corporalmente mais definido e marcado pela redução e internalização dos gestos e emoções. Para tanto, foram necessários a realização de treinamento mais intensivo e um trabalho sobre a idéia de energia e extracotidianidade dos movimentos e ações do ator, na busca da construção de uma série de partituras corporais e vocais que seriam a matéria prima para a construção do universo tratado na temática, das personagens envolvidas na história e consequentemente das cenas do futuro espetáculo.

A idéia inicial era que o grupo pudesse novamente escrever o texto da peça, porém nos levantamentos para a montagem, nos deparamos com o texto “Pai do Mangue” do teatrólogo paraibano Leonardo Nóbrega escrito em 1982 a partir de uma pesquisa realizada na comunidade de Mandacaru, como parte das atividades do Projeto Vivência, trabalho de ordem comunitário na perspectiva da educação popular realizado na década de oitenta naquela comunidade. Aliando os estudos temáticos, o levantamento com pescadores na comunidade e o laboratório de investigação corporal e vocal dos atores num trabalho de forma integrada, possibilitaria uma leitura específica e inédita para o texto montado há quinze anos com grande sucesso, noutra comunidade tão semelhante em suas diversas histórias de vida recheadas de sofrimento e grandeza humana. Embora tenha se mostrado bastante simpático à montagem do texto de sua autoria, Leonardo viria a falecer três dias antes da estréia da nova montagem, na programação do XI Festival de Teatro Comunitário do SESC.

As adaptações ao texto original foram feitas coletivamente em discussões dentro do grupo, da mesma forma que, a confecção dos adereços, cenários e de todo material de pesca utilizado em cena. A montagem que levou cerca de seis meses de trabalho intensivo foi recebida com grande aceitação por parte do numeroso público e da comissão julgadora do festival, que concedeu ao grupo os prêmios de melhor espetáculo, melhor espetáculo do júri



popular, melhor direção, melhor cenografia, melhor figurino, melhor iluminação e melhor trilha sonora, além da indicação para melhor atriz concedida à Joana Valentim.

A euforia natural com os primeiros resultados do espetáculo compensaria o cansaço do mês de maio de 1997, quando concentramos a montagem e a participação no festival juntamente com a Gincana Cultural relacionada à educação, descrita no item anterior. A referida premiação foi motivo para o recebimento de Voto de Aplausos da Assembléia Legislativa do Estado, pedido encaminhado pelo deputado Chico Lopes.

A necessidade de divulgação do espetáculo e a retomada da idéia de ação educativa levaram o grupo a formular um novo projeto, que consistia em dez apresentações e debates do espetáculo *Pai do Mangue* para escolas públicas e comunidades localizadas próximas ao mangue. Essas apresentações realizadas num teatro com todos os recursos de luz e cenografia, seriam antecedidas por uma formação dos educadores das escolas e da formulação de uma cartilha com conteúdos a ser trabalhados junto aos alunos, culminando todo trabalho com a realização de uma Gincana Ecológica com a participação das escolas e a presença de membros das comunidades participantes.

A Gincana Ecológica foi realizada com grande sucesso na Área de Lazer do SESC, no centro de João Pessoa, com a presença de cerca de 2.500 pessoas, assessoradas por uma comissão organizadora formada pelo próprio grupo, educadores, educandos e mães do Projeto Beira da Linha. Embora, envolvesse o julgamento e a competição, este aspecto não foi enaltecido, valorizando a participação de cada equipe que foram todas premiadas através de sorteio no final do evento. Estiveram presentes, além das escolas e comissão organizadora, militantes e autoridades representantes do IBAMA, REA, Secretaria de Educação do Município de João Pessoa, que se comprometeram em encaminhar as denúncias e as solicitações encaminhadas pelas escolas participantes.

#### **4. Considerações finais**

O teatro com significados educacionais, dirigidos para uma prática transformadora, social e teatralmente, não deve se distanciar da verdade que é ser o teatro um produto de nossa imaginação poética. Jamais um mero instrumento de reportagem catequese. Teatro não é giz, nem quadro negro. Ele é jogo dramático que abre uma perspectiva de educação para quem faz e quem o assiste. (LOPES, 1989, p.23)

A experiência do Grupo de Teatro Popular Miramangue tem dado provas de que é possível realizar um trabalho com Teatro junto à adolescentes e jovens em comunidades

empobrecidas transcendendo a idéia de mera “pecinha”. O ensino/vivência a partir de projetos de montagens que tem como ponto de partida a discussão de um determinado tema chave como forma de leitura da realidade da comunidade e, ao mesmo, possibilidade de apreender e aprender sobre a linguagem teatral, mostra que o trabalho não nasce de idéias mirabolantes e prontas, pelo contrário, que essa pesquisa temática e de linguagem vai gradativamente dando respostas e gerando novos desafios para os seus participantes. Ela não é mera atividade para ocupação do tempo ocioso, mas possibilidade de conhecimento da realidade que o circunda, de leitura do mundo, das relações que se estabelecem entre si e de sua própria pessoa.

Esse trabalho termina por despertar a capacidade do indivíduo em se reconhecer perante a sociedade, fortalecendo/elevando sua auto-estima e tornando-a capaz de falar de sua vida e de sua realidade sem vergonhas e receios através da linguagem teatral. E com isso, reverter até mesmo a posicionamento de pessoas que moram no bairro e discriminam uma determinada parcela da população pela sua condição social, que pela valorização externa do trabalho também vai lhe rendendo seu reconhecimento. O teatro também se manifesta como a possibilidade de saída do casulo que é a comunidade em direção à descoberta de um mundo mais amplo. Em sua maioria, a motivação dos participantes para sua entrada no grupo, se deveu ao desejo de sair de casa, de romper com os limites da escola, e sair mostrando seu trabalho e seu potencial através dos espetáculos.

Também é preciso ressaltar que esse crescimento e aprendizado percebido na formação dos participantes durante o processo de montagem não se restringe a eles, pois, parte desse material e das discussões levantadas no processo, é cambiada na perspectiva teatral na forma do espetáculo. Com isso, esse aprendizado tanto na questão da linguagem teatral quanto na temática envolvida também chega aos espectadores do espetáculo. Então, o raio dessa ação não fica apenas nos poucos jovens da Beira da Linha, mas, de algum modo, é estendido para a comunidade local, para as escolas e para as mais longínquas localidades e diversos públicos por onde os espetáculos são apresentados, seja o palco do mais nobre teatro da cidade, o salão do centro de convenções, o apertado corredor da escola pública ou o campo de futebol improvisado que qualquer comunidade periférica da região.

Outra conquista do teatro, estaria na capacidade de divulgação das atividades desenvolvidas pelo Projeto Beira da Linha, pois o teatro pode alargar facilmente seu raio de atuação para dentro e para além da comunidade onde está inserido, divulgando e conquistando novos parceiros para o crescimento das atividades. Não é a toa que muitas entidades tem demonstrado um interesse exacerbado pela produção imediata, como forma de marketing barato e certo.

Enfim, é uma experiência do Grupo de Teatro Miramangue tem sido uma referência dentro desse universo de oficinas culturais em comunidades populares, cheia de avanços e de muitos limites, mas que continua na por um fazer teatral que ao mesmo promova a capacidade artística e estética dos seus participantes, aliados a uma reflexão sobre a sua realidade social e seu papel como agente transformador de uma nova sociedade. Como escrevi anteriormente: “o teatro dessa meninada, mais que um rosário de lágrimas, é celebração de vida e alegria, é brincadeira de coisa séria; é contribuir para despertar ações junto às pessoas que favoreçam a organização popular rumo a caminhada de libertação de si próprio e de todo povo.”

## 5. Referências

- CHEKHOV, Michael. *Para o ator*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T., FUSARI, Maria F. de Rezende e. *Metodologia do ensino de arte*. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JAPIASSU, Ricardo. *Metodologia do ensino do teatro*. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LOPES, Joana. *Pega teatro*. Campinas, SP: Papirus, 1989.
- SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- VIGANÓ, Suzana Schmidt. *As regras do jogo: a ação sociocultural em teatro e o ideal democrático*. São Paulo: Hucitec, 2006.